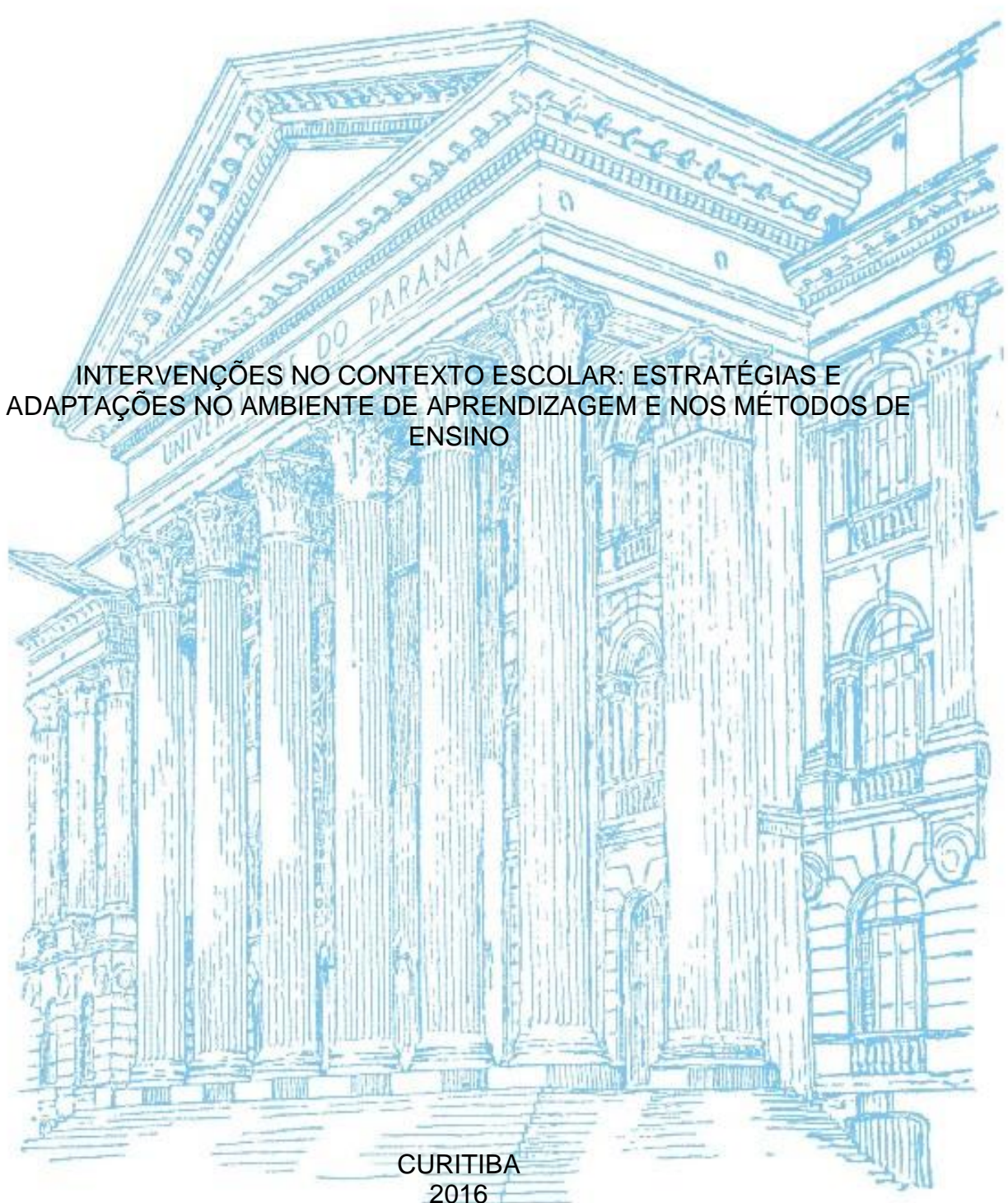


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

SÔNIA MARIA VIEIRA FORSELINI



INTERVENÇÕES NO CONTEXTO ESCOLAR: ESTRATÉGIAS E
ADAPTAÇÕES NO AMBIENTE DE APRENDIZAGEM E NOS MÉTODOS DE
ENSINO

CURITIBA
2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

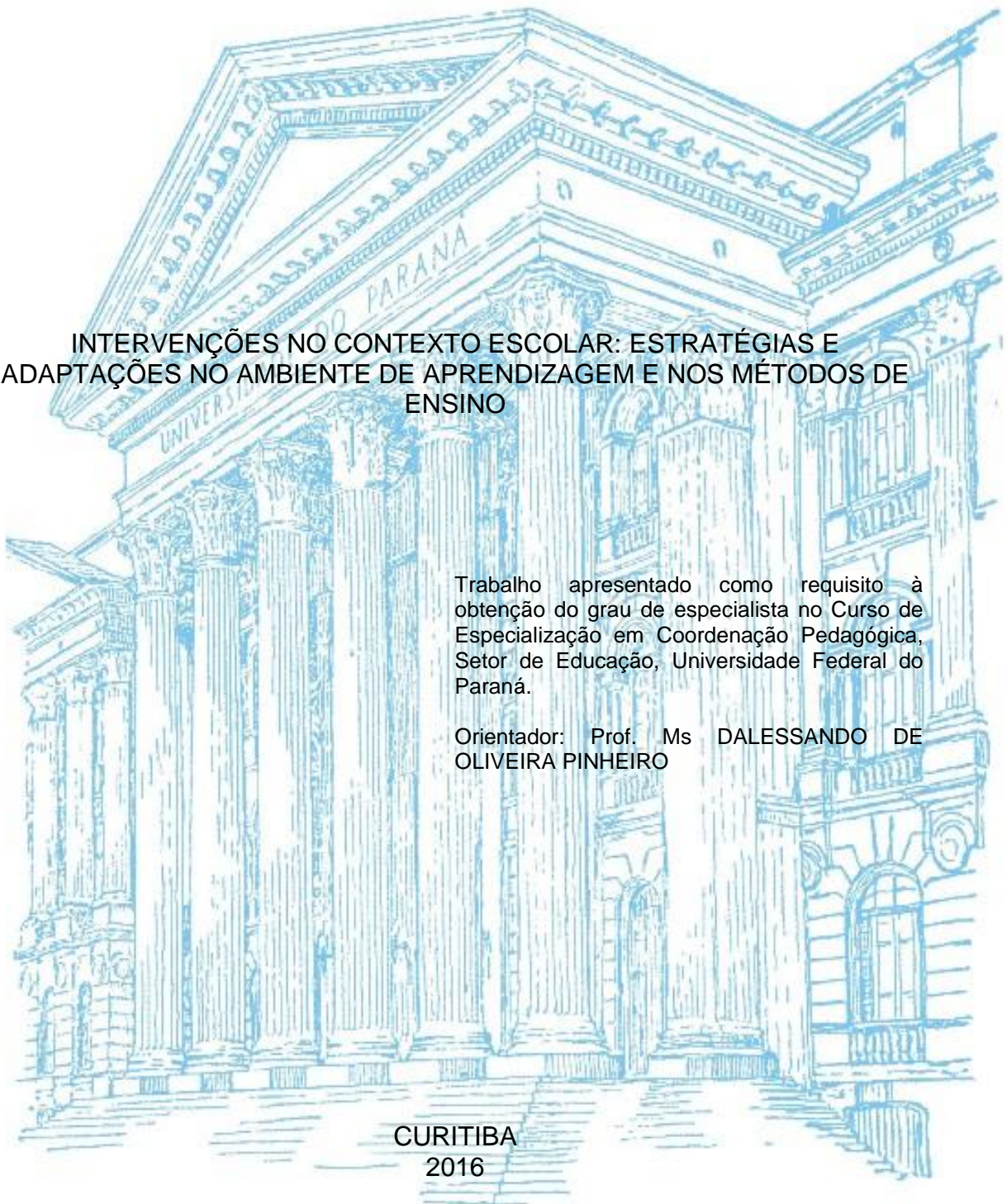
SÔNIA MARIA VIEIRA FORSELINI

INTERVENÇÕES NO CONTEXTO ESCOLAR: ESTRATÉGIAS E
ADAPTAÇÕES NO AMBIENTE DE APRENDIZAGEM E NOS MÉTODOS DE
ENSINO

Trabalho apresentado como requisito à
obtenção do grau de especialista no Curso de
Especialização em Coordenação Pedagógica,
Setor de Educação, Universidade Federal do
Paraná.

Orientador: Prof. Ms DALESSANDO DE
OLIVEIRA PINHEIRO

CURITIBA
2016



INTERVENÇÕES NO CONTEXTO ESCOLAR: ESTRATÉGIAS E ADAPTAÇÕES NO AMBIENTE DE APRENDIZAGEM E NOS MÉTODOS DE ENSINO

SÔNIA MARIA VIEIRA FORSELINI

RESUMO

Um dos desafios em debate no sistema educacional brasileiro nos últimos anos tem sido a inclusão escolar de alunos com Necessidades Educacionais Especiais (NEE), em particular a partir da década de 1990, com as lutas da sociedade civil e, sobretudo, com a criação de leis, tratados e resoluções políticas em defesa da pessoa com deficiência. Esses tratados e leis aumentaram o acesso dos alunos com NEE à rede regular de ensino, exigindo ajustes redefinidores no papel das escolas e na atuação pedagógica dos educadores. Neste contexto, podemos indicar a urgente revisão do papel do professor que acreditava que o trabalho com crianças com algum tipo de deficiência era apenas para especialistas. Hoje, o professor vê-se diante de toda uma diversidade de alunos com ou sem deficiência na sala de aula, exigindo dele uma prática diferenciada que atenda à proposta de inclusão estabelecida pelos acordos e leis vigentes. Proponho neste estudo a analisar os desafios na prática do professor no contexto da Educação Inclusiva, cuja sala de aula regular está matriculados alunos com diagnóstico de TDAH. O estudo se deu por meio de pesquisa bibliográfica e observações no cotidiano escolar do Colégio Estadual Fernando de Azevedo do município de Santa Isabel do Ivaí – PR. onde estou Pedagoga e professora na Sala de Recursos Multifuncional. Esperamos que esse trabalho sirva de apoio aos professores durante sua ação pedagógica em sala de aula.

Palavras-chave: Educação Inclusiva. TDAH. Prática pedagógica.

1 INTRODUÇÃO

A educação inclusiva representa um passo muito concreto e manejável que pode ser dado em nossos sistemas escolares para assegurar que todos os estudantes apropriem-se do conhecimento historicamente produzido pela humanidade. Com a educação inclusiva, os professores da classe comum do ensino regular, passam a ter um “novo alunado”: “pessoas com necessidades educativas especiais”. Estudantes que começam a frequentar e a ‘pertencer’, às escolas da sua comunidade, onde seus irmãos, primos e vizinhos estudam.

Ao professor do ensino regular é imprescindível, que ele esteja preparado para receber o “novo aluno”, por meio de capacitação para que a inclusão não seja somente física, mas que haja uma aprendizagem significativa para todos os alunos.

Elegemos para nossa pesquisa o tema Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade TDAH, pensando em todas as crianças com o transtorno e que involuntariamente desafiam pais e professores com seu comportamento agitado, impulsivo ou desatento e que se tornam alvos de críticas e rejeições. Os professores conhecendo os sintomas poderão orientar estas crianças de maneira mais branda e de forma mais concreta.

O trabalho foi desenvolvido em três tópicos. No tópico dois: Inclusão como direito social descrevo brevemente o que são esses direitos e como está estabelecido o direito à educação na Constituição do Brasil e na Lei de Diretrizes e Base da Educação LDB nº 9.393/96. Para nos situarmos na contextualização do quadro do Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade TDAH no tópico três, fazemos uma breve abordagem histórica, apoiando-nos em Benczik (2002) e Schwartzman (2001). Destacamos no tópico quatro os tipos e subtipo do TDAH de acordo com Rohde (1997). Entendendo que o aluno com TDAH deve receber um atendimento especial por apresentar comportamento peculiar relacionado com a desatenção e os excessos de movimentação, no subitem deste tópico destacamos: O professor, a sala de aula e o educando, onde são repassadas algumas dicas para a atuação pedagógica do professor em sala de aula. Nas considerações finais

evidenciamos o desafio que está posto a todos: pensar com efetivar a Educação Inclusiva no ensino regular.

2 INCLUSÃO COMO DIREITO SOCIAL

A inclusão, como direito social, iniciou na segunda metade da década de 80, nos países desenvolvidos. No Brasil, tomou impulso na década de 90, com a difusão das idéias da Declaração de Salamanca (1994). Visando garantir que os indivíduos possam exercer e usufruir de direitos fundamentais para conseguir condições de igualdade e uma vida digna, foram instituídos os direitos sociais. Por meio de garantias dadas pelo Estado Democrático, a determinação destes direitos tem uma enorme importância histórica, já que foram conquistados ao longo dos séculos, principalmente durante o século XX, onde vários movimentos sociais e de trabalhadores pressionaram para que esses direitos fossem reconhecidos.

Foi durante o século XIX com a Revolução Industrial, um marco para a tecnologia e para o modo de vida capitalista, que o direito social começou a ser estruturado. Durante esse período, começavam a trocar a mão de obra humana por máquinas, o que acabou provocando uma grande demanda de desempregados, onde muitos acabaram na miséria. Enquanto isso, outra parte da população, os proprietários e empresários, se beneficiavam com a Revolução Industrial acentuando ainda mais a desigualdade social. Para contornar esse dilema, o Estado teve que intervir através de regulamentos que garantissem um mínimo de proteção para os trabalhadores.

Com esse direito garantido, os cidadãos podem estabelecer uma qualidade de vida e também condições necessárias para que desenvolvam as suas potencialidades, principalmente aqueles que são menos favorecidos devido às desigualdades sociais e distribuição de renda. O direito social é reconhecido pela sua importância já que visa proteger os setores sociais mais frágeis com o intuito de construir uma sociedade mais homogênea. No Brasil na Constituição Brasileira de 1988, o direito social está estabelecido, nos seguintes itens de acesso: Saúde, Trabalho, Moradia, Transporte, Lazer, Segurança, Previdência Social, Educação. Na Constituição Federal está escrito que o direito à educação tem em sua definição o Estado

com a família sendo considerados sujeitos passivos, onde o Estado é obrigado a fornecer políticas públicas para que todos tenham direito à educação. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação LDB nº 9394/96, estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, alterada pela Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013 define Educação Especial, no seu capítulo V: da educação especial; artigo 58, como: a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais.

Deixando bem claro o papel e as obrigações das instituições sobre a adequação do ensino aos alunos com necessidades especiais os quais no estado do Paraná podemos incluir o TDAH. A prática tem mostrado que o sistema educacional brasileiro está estratificado, e os professores encontram dificuldades, quase insuperáveis para fazer as adaptações necessárias para atender o aluno com TDAH.

O intento desta pesquisa voltada especificamente ao TDAH deve-se ao fato de a escola onde trabalhamos ter alunos matriculados no Ensino Fundamental Anos Finais, com esse transtorno, (TDAH), e os professores do ensino regular sentem muita dificuldade quando possuem alunos matriculados no ensino regular com esse transtorno.

Apesar dos mais de vinte anos de “Salamanca” (1994) que prevê o atendimento especializado e de todas as medidas políticas geradas a partir desse marcante evento, um significativo número de professores, não foram capacitados para dar o atendimento, de forma adequada e com qualidade, as crianças com Necessidade Educacional Especial (NEE) no ensino regular.

A prática educacional no dia a dia, não viabiliza oportunidades de qualificação, aos profissionais para que estes desenvolvam um trabalho que promova a aprendizagem a esses alunos com necessidades especiais. Ainda que na LDB nº 9394/96 em seu artigo 59, diz que:

Os sistemas de ensino assegurarão ao educando com necessidades especiais: I - currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específica, para atender às suas necessidades. (BRASIL, 1996).

A mesma LDB nº 9394/96, em seu artigo 2º: preconiza:

“A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. (BRASIL, 1996).

A educação inclusiva é o processo de inserção de pessoas com necessidades especiais, ou distúrbio de aprendizagem dentre eles o TDAH, na rede regular de ensino, em todos os seus níveis.

A escola deve adequar-se aos seus alunos, visando, sempre, a inserção destes na sociedade. Porém nas escolas regulares, para trabalhar com os alunos com necessidades educativas especiais, na sala regular, os professores necessitam de formação adequada.

A educação inclusiva envolve um processo de preparação do professor que considera as diferenças e as dificuldades dos alunos na aprendizagem escolar como fontes de conhecimento sobre como ensinar e como aperfeiçoar as condições de trabalho nas salas de aula (Brasil, 1995, p.17).

A capacitação efetiva de docentes para atuar nessa perspectiva inclusiva, tem como finalidade levar esses profissionais a uma constante reflexão sobre sua prática pedagógica, onde a avaliação e reavaliação, bem como os questionamentos, são permanentes, a fim de que possam rever esta prática e compartilhar experiências e novas idéias com seus colegas, pondo fim à prática individualista da formação e do exercício profissional individualista, sem trocas de informações entre os professores sobre suas experiências com os desafios diários que deparam com a inclusão no ensino regular.

Nesse sentido é atribuição como pedagoga orientar os professores do ensino regular que possuem alunos em sala de aula comum com o TDAH ou outra necessidade educacional. Além da formação, específica, para o professor, é necessária o conhecimento sobre os processos que levam o sujeito agir sob a influência de fatores sócios, políticos, econômicos e culturais. O professor tendo visão sobre as representações sociais do aluno, às quais estão vinculadas as suas práticas sociais, poderá intervir nessa realidade para transformá-la. Podendo com essa prática facilitar o ensino e aprendizagem de todos os alunos com ou sem necessidades especiais.

3 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO TDAH

A fim de nos situarmos na contextualização do quadro do TDAH, faremos uma breve abordagem histórica, apoiando-nos em Benczik (2000) e Schwartzman (2001).

No começo do Século XX, aproximadamente em 1902 o médico inglês George Frederic Still, 'descreveu um problema em crianças o qual denominou como um defeito na conduta moral'. Ele notou que este problema resultava em uma inabilidade da criança internalizar regras e limites, como também em uma manifestação de sintomas de desatenção e impaciência. Still notificou que tais comportamentos poderiam ser resultado de danos cerebrais, hereditárias ou problemas ambientais (BENCZIK, 2000, p.21).

Assim podemos destacar que o TDAH há muitos anos é motivo de estudos em diversas áreas, (neurologia, psiquiatria, psicopedagogia, psicologia,) passando por diversas nomenclaturas até os dias atuais. Segundo Mattos (2001), o TDAH [...] deve ser diagnosticado por um médico ou psicólogo, embora o tratamento deva ser sempre coordenado por um médico. (MATTOS, 2001. p 16).

Apesar da recomendação encontrada nos artigos pesquisados e livros da área médica, da necessidade de ampla investigação da vida da criança, para um diagnóstico, poucas vezes vemos esse critério ser levado a sério. No cotidiano, nas práticas, temos observado diagnósticos médicos apressados, principalmente dos alunos atendidos nos serviços públicos de saúde os quais raramente consultam a escola sobre o aluno ou o terapeuta da criança, (quando possuem), simplesmente emitindo o resultado de sua análise superficial e receitando uma medicação no isolamento do seu consultório.

No entanto os diagnósticos médicos seguem mantendo um enorme grau de importância dentro da escola, pois é o parecer desse profissional que encaminhará a criança ao atendimento educacional especializado. Assim, qualquer discussão abordando pontos de conexão em torno da "ideia" de TDAH não poderá ignorar as pesquisas em andamento nos âmbitos da Neurologia, da Genética e da Psiquiatria.

Justifica-se assim a escola estar presa a pressupostos médicos, porém a escola necessita perceber seu próprio campo de saber como sendo fundamental quando falamos de ensinamentos e aprendizagens. A escola desempenha importante papel na vida de toda criança, especialmente na vida de criança com TDAH, pois, geralmente na escola que são percebidos os problemas comportamentais e de aprendizagem dessa criança.

Os sintomas do TDAH aparecem frequentemente cedo na vida da criança, mas tornam-se mais graves a partir do ingresso desta na escola porque, durante o processo de aprendizagem escolar a criança necessita focar mais sua atenção seletiva e permanecer sentada durante as aulas. (BENCZIK, 2000, p. 26).

A hiperatividade se manifesta de maneira exacerbada, na escola, pois é lá o local onde a criança se sente pressionada, quando a sua movimentação e sua liberdade de ação fica restrita a normas do regimento escolar.

4. TIPOS E SUBTIPOS DE TDAH

De início é interessante destacar que de acordo com Rohde (1997), conforme o grupo de sintomas que possuem as crianças com TDAH podem ser de quatro subtipos de TDAH: o tipo desatento; o tipo hiperativo/impulsivo; o tipo combinado; o tipo não específico.

O tipo desatento: a pessoa apresenta, pelo menos, seis das seguintes características: a) Não enxerga detalhes ou faz erros por falta de cuidado; b) Dificuldade em manter a atenção; c) Parece não ouvir; d) Dificuldade em seguir instruções; e) Dificuldade na organização; f) Evita/não gosta de tarefas que exigem um esforço mental prolongado; g) Frequentemente perde os objetos necessários para uma atividade. h) Distrair-se com facilidade; i) Esquecimento das atividades diárias; Rohde (1997).

O tipo hiperativo/impulsivo é definido se a pessoa apresenta seis das seguintes características: a) Inquietação, mexendo as mãos e os pés ou se remexendo na cadeira; b) Dificuldade em permanecer sentada; c) Corre sem destino ou sobe nas coisas excessivamente (em adultos, há um sentimento subjetivo de inquietação); d) Dificuldade em engajar-se numa atividade silenciosamente; e) Fala excessivamente; f) Responde a perguntas antes de

elas serem formuladas; g) Age como se fosse movida a vapor; h) Dificuldade em esperar sua vez; i) Interrompe e se intromete em conversas alheias. Rohde (1997).

O tipo combinado é caracterizado pela pessoa que apresenta os dois conjuntos de critérios dos desatentos e hiperativo/impulsivo. O tipo não específico a pessoa apresenta algumas características, mas número insuficiente de sintomas para chegar a um diagnóstico completo. Esses sintomas, no entanto, desequilibram a vida diária. Rohde (1997).

Outro aspecto levantado por Rohde (1997), alerta que na idade escolar, crianças com TDAH apresentam uma maior probabilidade de repetência, evasão escolar, baixo rendimento acadêmico e dificuldades emocionais e de relacionamento social. Supõe-se que os sintomas do TDAH sejam catalisadores, tornando as crianças vulneráveis ao fracasso nas duas áreas mais importantes para um bom desenvolvimento: na escola e no relacionamento com os colegas.

A despeito disso Rohde (1997), afirma que à medida que cresce o conhecimento médico, educacional, psicológico e da comunidade a respeito dos sintomas e dos problemas ocasionados pelo TDAH, um número cada vez maior de adultos e crianças está sendo corretamente identificado, diagnosticado e tratado. Mesmo assim, suspeita-se que um grupo significativo desses indivíduos com TDAH ainda permanece não identificado ou com diagnóstico incorreto. Seus problemas se intensificam e provocam situações muito difíceis no confronto da vida normal e acadêmica.

4 1-O Professor, A Sala De Aula E O Educando.

O aluno com TDAH deve receber um atendimento especial, relacionados com a desatenção e o excesso de movimentação. Esse comportamento peculiar da criança com TDAH, deve levar o professor a questionar constantemente a sua atuação pedagógica levando-o a buscar maior flexibilização para adaptar sua metodologia de ensino para que venha favorecer a aprendizagem deste aluno.

O sintoma mais citado na pesquisa realizada é a desatenção do aluno. Mas o que é desatenção? O que os autores, que explicam o TDAH, definem

como desatenção? Bastos e Bueno (2002: 7) definem a desatenção como “falta de capacidade do indivíduo se concentrar e prestar atenção no que está sendo apresentado a ele sem se distrair com qualquer outro estímulo”. Conclui-se, portanto, que todos são desatentos em vários momentos da nossa vida, mas o que faz com que este sintoma seja atribuído ao transtorno é a persistência do mesmo “por mais de seis meses”, conforme cita Barkley (2002: 146). Entretanto, este sintoma é muito observado na sala de aula pelo professor. Às vezes, um ano inteiro de queixa sobre a desatenção do aluno, pode levá-lo a pensar, por muitas vezes, que seu aluno possui déficit de atenção. Ainda mais se as crianças forem “espaçosas”, “sonhadoras”, “fora de sintonia”, com problemas em “filtrar informações”, “erram por descuido” e são incapazes de separar o que é “relevante do irrelevante”, como assinala Barkley (2002: 149). E diante de informações sobre o comportamento do aluno, a escola solicita aos pais que levem seu filho ao médico, na esperança de que no menor tempo possível, este comportamento inadequado para a aprendizagem seja resolvido. O objetivo da escola é de que o aluno esteja adaptado às exigências dela mesma e a intenção é de que ele aprenda, dadas condições exigidas.

Procurando a definição de atenção no dicionário on-line Wikipédia (2016) encontrou o trecho que se segue:

Atenção é um processo cognitivo pelo qual o intelecto focaliza e seleciona estímulos, estabelecendo relações entre eles. A todo instante recebemos estímulos, proveniente das mais diversas fontes, porém só atendemos a alguns deles, pois não seria possível e necessário responder a todos. O aluno que apresenta o quadro de TDAH tem dificuldade em manter a atenção. A preocupação com crianças que apresentam TDAH é uma necessidade. Os autores consultados mostram que as crianças com TDAH, podem aprender os conteúdos escolares, se socializar e se tornarem crianças menos desatentas e hiperativas. Para que isso ocorra, os professores precisam buscar constantemente informações atualizadas sobre o TDAH.

Segundo menciona Benczik:

É necessário modificar vários aspectos no processo de ensino aprendizagem do aluno com TDAH, como o meio

ambiente, a estrutura da sala de aula, os métodos de ensino, os materiais utilizados, as tarefas solicitadas, as avaliações, o feedback, o reforço, o nível de apoio, o tempo despendido, o tamanho e quantidade da tarefa. (BENCZIK, 2003)

Portanto, além de receber o aluno TDAH dentro da sala de aula, o professor necessita rever seus procedimentos pedagógicos procurando adequá-los às necessidades destes alunos, sem prejudicar os demais. A criança sentindo-se aceita recupera sua autoestima e isso fatalmente, a levará a incorporar que é capaz de participar do processo de ensino e aprendizagem.

Uma das atitudes a serem tomadas pelo professor é buscar o apoio da equipe pedagógica da escola, para juntos detectarem suas dificuldades e o tipo de ajuda que o aluno TDAH mais necessita. Deste modo poderá estar adaptando estratégias eficazes que promovam o bem estar, a aprendizagem e a permanência destas crianças dentro do recinto escolar.

Benczik e Bromberg (2003) sugerem que o professor deve ficar atento com a forma de agir de seus alunos. Deve entender que o aluno TDAH, devido sua dificuldade de organização e planejamento, necessita de ter uma rotina diária em sala de aula bem esquematizada, sem mudanças inesperadas.

Segundo Benczik; (2008), uma:

“sala de aula estruturada não significa um ambiente rígido, tradicional, ao contrário, pode ser criativa, colorida, ativa e estimulante”. (BENCZIK; 2008. BROMBERG, 2003, p. 208)

Quando o professor trabalha com crianças com TDAH autores como, Bromberg 2003, Benczik 2008, concordam que a sala de aula apresente cartazes coloridos, mas sem excesso visual, pois estes podem ajudar a dispersar a sua atenção.

Quanto ao lugar na sala de aula, entendemos que o aluno deverá sentar-se próximo, ou ao alcance do olhar direto do professor, no meio de colegas tranquilos que possam ajudá-lo. Essa proximidade física minimiza suas possibilidades de distração. Além disso, permite que o professor perceba se o aluno está prestando atenção ou “sonhando acordado”.

O que diz respeito à opção metodológica o professor deverá favorecer as atividades do aluno, preparando os exercícios de forma simples, mas estruturados com instruções que venham a facilitar sua execução, usando várias estratégias didáticas necessárias para auxiliar o aluno no desenvolvimento da tarefa, assim como, detectando as dificuldades e o tipo de ajuda que ele necessitar.

Um aluno com TDAH pode necessitar, por exemplo, de mais tempo para terminar uma prova. Isso não significa falta de inteligência ou capacidade, mas sim uma dificuldade resultante do transtorno.

Entendemos que o professor deve adotar uma atitude positiva que leve o aluno TDAH a desenvolver comportamentos adequados procurando elevar a sua autoestima, através de um elogio toda vez que a criança conseguir superar um obstáculo por menor que ele seja.

Portanto, deve reforçar positivamente aquilo que a criança faz certo, capitalizar em cima dos pontos fortes, seja para motivar uma atividade ou para aumentar sua autoimagem, isso com o tempo minimizará os efeitos negativos de suas dificuldades.

O TDAH se torna uma fonte de sofrimento para as crianças quando são culpadas ou punidas por seu comportamento ou desempenho na escola. Criança e jovens que tem o problema necessitam não de repreensão, mas de atenção especial e, acima de tudo um sistema de ensino diferenciado para ajuda-lo a superar as dificuldades de aprendizagem. Está além de a capacidade infantil superar o transtorno sem a colaboração dos pais e professores.

Encontramos outros autores que se preocupam com as crianças com TDAH e com a maneira de trabalhar com elas. Gentile (2000), afirma que:

“crianças hiperativas podem apresentar melhoras consideráveis no comportamento e desenvolvimento pedagógico se algumas regras forem consideradas dentro da sala de aula”. Gentile (2000, p.32)

Para reforçar essa ideia, utilizamos sugestões dadas pela psicóloga Mônica Duchesne e pelo psiquiatra Ênio Roberto de Andrade, descrevendo a seguir algumas sugestões aos professores:

Trabalhe com pequenos grupos, sem isolar as crianças hiperativas; dê tarefas curtas ou intercaladas para que elas possam concluí-las antes de se dispensar; elogie sempre os resultados; use jogos e desafios para motivá-las; repita individualmente todo comando que for dado ao grupo e faça-o de forma breve e usando sentenças fáceis de entender; peça a elas que repitam o comando, para ter certeza de que a escutaram e compreenderam o que você quer; dê uma função oficial às crianças, como a de ajudante do professor; isso pode melhorar o relacionamento delas com os colegas e abrir espaço para que elas se movimentem mais. (DUCHESNE; ANDRADE, apud GENTILE, 2000, p. 32).

A maioria das crianças com TDAH pode permanecer na classe normal, com pequenos arranjos na arrumação da sala, ou programas especiais a serem utilizados fora da sala de aula. As crianças com problemas mais sérios exigem Sala de Recursos Multifuncional Tipo I.

O estado do Paraná diferentemente dos demais estados, oferece matrícula e atendimento aos alunos que apresentam TDAH na SRM, ou seja, classificado como transtornos funcionais específicos referindo-se

a funcionalidade específica (intrínsecas) do sujeito, sem o compromisso intelectual do mesmo. Diz respeito a um grupo heterogêneo de alterações manifestadas por dificuldades significativas: na aquisição e uso da audição, fala, leitura, escrita, raciocínio ou habilidades matemáticas, na atenção e concentração. (BRASIL, 2011 p. 2).

O atendimento em SRM visa apoiar o sistema de ensino, com vistas a suplementar ou complementar a escolarização dos alunos matriculados no ensino regular.

De acordo com o estabelecido na Instrução Nº 016/2011– SEED/SUED indica a necessidade de elaborar, implantar, no interior da escola, atendimentos de apoio à inclusão, a fim de complementar ou suplementar os serviços oferecidos na educação regular, aos alunos com dificuldades de aprendizagem e necessidades educacionais, lembrando que alguns destes alunos eram atendidos anteriormente em classes ou escolas especiais, onde eram segregados ou excluídos.

O atendimento antes oferecido apenas às séries iniciais passa a ser estendida para as séries finais, do ensino fundamental a partir da instrução Nº

016/2011– SEED/SUED com o objetivo de garantir apoio especializado aos alunos devidamente matriculados no ensino regular. A legislação, em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais, define esse atendimento como:

Serviço de natureza pedagógica, conduzido por professor especializado, que suplementa (no caso dos superdotados) e complementa (para os demais alunos) o atendimento educacional realizado em classes comuns da rede regular de ensino. Esse serviço realiza-se em escolas, em local dotado de equipamentos e recursos pedagógicos adequados às necessidades especiais dos alunos, podendo estender-se a alunos de escolas próximas, nas quais ainda não exista esse atendimento. Pode ser realizado individualmente ou em pequenos grupos, para alunos que apresentem necessidades educacionais especiais semelhantes, em horário diferente, daquele, em que frequentam a classe comum (PARANÁ, 2003, p.50).

Para o atendimento na SRM ao aluno com TDAH é proposto uma intervenção pedagógica a ser desenvolvida de acordo com a especificidade de cada aluno. No planejamento de intervenção pedagógica, o professor deverá estabelecer objetivos, ações, período de duração e resultados esperados, sendo o mesmo elaborado a partir dos interesses, necessidades e dificuldades, do educando, sendo elaborada após a avaliação psicoeducacional a qual o educando deverá ser submetido.

O trabalho pedagógico na SRM objetivando o desenvolvimento da autonomia, independência e valorização do aluno, deverá ser realizado em três eixos: Atendimento individual; Trabalho colaborativo com professores da classe comum; Trabalho colaborativo com a família.

As atividades desenvolvidas no AEE diferenciam-se daquelas realizadas em sala regular. Esse atendimento exerce papel complementar e ou suplementar na formação dos alunos, tendo como meta a autonomia e independência do mesmo dentro e fora da escola (BRASIL, SEESP, 2008)

Assim sendo o AEE na SRM deve priorizar no educando o desenvolvimento e a superação daquilo que lhe é limitado, como exemplo

citamos que no aluno com TDAH, uma das necessidades a ser desenvolvidas é o planejamento de estratégias para que no processo de ensino e de aprendizagem o aluno venha desenvolver uma capacidade de atenção e concentração, necessárias para seu percurso acadêmico com sucesso.

Como ilustração podemos tomar o exemplo do surdo que busca uma forma mais conveniente de se comunicar pela Libras, com o cego trabalha-se para ensinar a leitura através do Braille, com o deficiente físico, um modo mais adequado de se locomover e com aluno com TDAH o professor necessita desenvolver uma estratégia para a concentração, podendo ser desenvolvida mais especificamente na SRM, com professor especializado para esse fim.

Conforme Vygotsky (1989), para alcançar o desenvolvimento pleno enquanto ser humano faz-se necessário inserir essas crianças na cultura, capacitando-as a participar ativamente da sociedade. O sucesso do processo de ensino aprendizagem para a criança com necessidades educacionais especiais relaciona-se às possibilidades de acesso a métodos e recursos específicos às suas necessidades. Portanto ações envolvendo o aluno nas atividades escolares faz com que o mesmo amplie sua capacidade de abstração, concentração, atenção, possibilitando a aprendizagem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das leis, decretos e resoluções voltadas para a inclusão escolar, consideramos que o país deu um grande passo nos últimos anos no que diz respeito à política educacional. No entanto, é necessário pensar nas possibilidades que encontramos ao aplicá-las na escola. Enfrentamos um grande desafio, porém com uma base legal que sustenta todo o AEE. Incluir é muito mais do que o aluno frequentar a escola regular tendo o AEE no contra turno. Destacamos a necessidade de práticas pedagógicas diferenciadas a esses alunos e formação continuada aos professores que contribuam para a qualidade da aprendizagem, fazendo com que eles tenham acesso ao currículo escolar de forma igual aos demais alunos.

Em seus estudos acerca da psicologia e da pedagogia das deficiências, Vygotsky (1989) defende que todas as crianças apresentam possibilidades de

desenvolvimento, desde que recebam mediações adequadas, por meio das quais podem, se apropriarem dos conhecimentos historicamente elaborados.

Como o aluno no AEE constrói seu conhecimento para si mesmo para posteriormente conseguir alcançar o conhecimento acadêmico, ele não depende apenas de uma avaliação da apropriação de conteúdos, mas de parâmetros relativos às suas conquistas relacionadas às dificuldades de aprendizagem que apresenta. Nesse sentido o AEE na classe comum precisa trabalhar concomitantemente com a SRM, pois ambos contribuem com o desenvolvimento do aluno, e assim o processo educacional e a construção do conhecimento passam a ser um desafio tanto para o professor como para o aluno.

6 REFERÊNCIAS

ATENÇÃO. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikipédia Foundation, 2016. Disponível em:

<<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Aten%C3%A7%C3%A3o&oldid=46288227>>.

Acesso em: 15 set. 2016.

BARKLEY Russell A. **Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade (TDAH): guia completo e autorizado para pais, professores e profissionais da saúde**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BENCZIK, Edyleine Bellini Peroni. **Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade. Atualização diagnóstica e terapêutica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

BENCZIK, Edyleine Bellini Peroni; BROMBERG, Maria Cristina. Intervenções na escola. In: ROHDE, Luis Augusto; MATTOS, Paulo et al. **Princípios e práticas em transtorno de déficit de atenção/hiperatividade**. Porto Alegre: Artmed, 2003. p. 199-218.

BRASIL. **Resolução CNE/CEB nº 4, de 2 outubro de 2009**. Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 5 out. 2009. Seção 1, p. 17.

BRASIL. **Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 5 abr. 2013b.

DUCHENE, Mônica; ANDRADE, Ênio Roberto de. **Como lidar com a agitação dos alunos**. In: GENTILE, Paola. Indisciplinado ou hiperativo? Nova escola. São Paulo, p.30-32, mai.2000.

GENTILI, P. **Neoliberalismo e educação: manual do usuário**. In: SILVA, T. T.; GENTILI, P. (Orgs.). Escola S.A: quem ganha e quem perde no mercado educacional do neoliberalismo. Brasília, DF: CNTE, 1996. p. 9-49.

PARANÁ. **Deliberação nº 02/03**. Estabelece Normas para a Educação Especial, modalidade da Educação Básica para alunos com necessidades educacionais especiais, no Sistema de Ensino do Estado do Paraná. Curitiba: CEE, 2003.

PARANÁ. **Instrução nº 016/2011** – SEED/SUED. Estabelece critério para o atendimento educacional especializado em Sala de Recursos Multifuncional Tipo I, na Educação Básica – área da deficiência intelectual, deficiência física neuromotora, transtornos globais do desenvolvimento e transtornos funcionais específicos. Curitiba, 22 nov. 2011.

ROHDE, Luis Augusto P. **Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade: o que é? Como ajudar?** Porto Alegre: ARTMED, 1997.

Correspondência: Luis Augusto Rohde Serviço de Psiquiatria da Infância e Adolescência do Hospital de Clínicas de Porto Alegre Rua Ramiro Barcellos, 2350 4o andar – 90035-003 Porto Alegre, RS – Telefax: (0xx51) 321-3946 – E-mail: lrohde@zaz.com.br

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R. **Estudos sobre a história do comportamento: o macaco, o primitivo e a criança**. Porto alegre: Artes Médicas, 1996.